

A fragmentação identitária da personagem Anita no romance *Cordilheira*, de Daniel Galera

The identity fragmentation of the character Anita in the novel *Cordilheira*, by Daniel Galera

Vitor Emmanuell Pinheiro da Silva¹Renildo Ribeiro²

Resumo

O presente artigo objetiva investigar a fragmentação identitária da personagem Anita no romance *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008). A fundamentação teórica contempla estudos voltados ao romance em uma perspectiva social, como Melo (2010) e Moisés (2012); e à identidade, com foco nas obras que compõem a era líquido-moderna de Zygmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2008; 2011). Acreditamos que Anita passa por um processo de fragmentação identitária típico do mundo líquido-moderno através de sua rede de conexões. A ambivalência entre a identidade almejada (ser mãe) e a identidade conquistada e insuficiente (escritora de sucesso) também reflete as relações líquidas em que o indivíduo nunca está satisfeito com suas conquistas e vive sempre uma busca constante por algo.

Palavras-chave: *Literatura Brasileira Contemporânea. Romance. Identidade*

Abstract

This article aims to investigate the identity fragmentation of the character Anita in the novel *Cordilheira*, by Daniel Galera (2008). The theoretical foundation includes studies focused on romance from a social perspective, such as Melo (2010) and Moisés (2012); and by studies focused on identity, specifically on the works that make up the liquid-modern era of Zygmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2008; 2011). We believe that Anita goes through a process of identity fragmentation typical of the liquid-modern world through her network of connections. The ambivalence between the desired identity (being a mother) and the identity conquered and insufficient (successful writer) also reflects the liquid relationships in which the individual is never satisfied with his achievements and always lives a constant search for something.

Keywords: *Contemporary Brazilian Literature. Novel. Identity*

Recebido em: 20/12/2020

Aceito em: 16/02/2021

Considerações iniciais

¹ Mestrando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pós-graduando em Linguagens e Práticas Sociais pelo Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e licenciado em Letras - Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8615-5155>.

² Professor Adjunto da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Diretor da Editora da Uneal – EDUNEAL. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5455-8403>.

O presente artigo busca analisar a fragmentação identitária da personagem Anita no romance *Cordilheira*, de Daniel Galera (2008). Publicado como o primeiro volume da coleção *Amores expressos*, em que autores brasileiros escrevem histórias de amor ambientadas em diferentes cidades ao redor do mundo, *Cordilheira* marcou a carreira de Daniel Galera como o seu primeiro romance narrado inteiramente por uma figura feminina.

Assim, este trabalho também busca refletir acerca do gênero romanesco, suas evoluções e rupturas, discorrer acerca do problema da identidade sob a ótica do filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman, contribuir com os estudos da Teoria da Literatura voltados às relações entre literatura e identidade e fortalecer a fortuna crítica de Daniel Galera e de seus romances.

Labirinto de imagens e formas

O romance, por constituir uma das essências dos estudos literários, não teve sua evolução de maneira efêmera, ao contrário, caminhou ao lado da história da humanidade e dos movimentos literários, como o romantismo e o modernismo, que influenciaram a literatura em busca de sua autonomia (REUTER, 2004). Dessa forma, por meio das narrativas que registraram a história da humanidade, o romance amadureceu e conquistou espaço nas prateleiras de leitores ao redor do mundo.

Questões voltadas à pós-modernidade são expressas através de uma narrativa em prosa, deixando de lado os elementos que marcaram a vida em comunidade. Consequentemente, o indivíduo – representado pela imagem de um mosaico – rompe com a tradição e lida com as consequências de sua individualidade. Assim, romance e modernidade compartilham do “isolamento do ser na coletividade” (MELO, 2010, p. 16).

O romance acompanhou a rapidez das relações na vida contemporânea, sobrevivendo ao tempo e revolucionando sua forma e conteúdo. Busca expressar as mudanças trazidas pela globalização e virtualização do mundo. Mesmo assim, suas mudanças não foram aceitas com tanta facilidade. Críticos literários e leitores “ainda queriam ver através do romance o mundo que sempre estiveram acostumados a ver” (MELO, 2010, p. 31). Ao contrário, viram a ruína de suas tradições e a (des)construção de seu culto ao passado, configurando não só o florescimento do gênero romanesco, mas o amadurecimento de quem o consumia.

O leitor é cada vez mais partícipe da obra literária, age sobre o que se lê, questiona para transformar, torna o processo de leitura de qualquer romance um recurso de “resistência contra a alienação do ser no mundo massificado” (MELO, 2010, p. 53).

Sendo assim, o romance é (re)conhecido como:

[...] uma das poucas formas de aprofundamento acerca das relações homem x mundo; torna-se uma busca constante pela identidade, pelas ilusões, pelo tempo perdido, à lembrança das tentativas de Proust. É um verdadeiro reduto de todo o lixo descartado pela sociedade de consumo e nele ainda é possível o reencontro do ser com o que restou de si mesmo, de seus valores, de sua cultura, de sua história coletiva. Sem

dúvida, no romance percebemos uma pequena luz, que direciona o ser à (re)humanização. Através de seu caráter refletor e transfigurador da vida, age como um catalisador das experiências de sua época, transcendendo-a através de seu dialogismo e das inovações estéticas trazidas pelo discurso literário (MELO, 2010, p. 59).

A produção literária atual é reconhecida por sua diversidade de narrativas, tempos, temas, espaços e intenções. A linguagem assume a posição de mediadora das relações entre o romance e o mundo, ao mesmo tempo em que o romance trata das relações entre o indivíduo e a sociedade. O romance contemporâneo fixa seu nome no novo milênio por meio de obras que enxergam o país de diferentes maneiras.

Os espaços confusos entre memória e identidade, o isolamento do ser na coletividade, a ansiedade, a depressão, a desigualdade, as geografias que caminham entre o rural e o urbano, a condição do indivíduo de eterno estrangeiro e as relações familiares figuram retratos do Brasil em diálogo constante entre passado e presente (MELO, 2010). Assim, o romance participa ativamente do diálogo entre o interior e o exterior do ser humano.

A construção da identidade na era líquido-moderna

O problema da identidade não é um assunto de origem contemporânea, discutido por sociólogos, filósofos e críticos literários diversos ao longo dos séculos, como Walter Benjamin, Anthony Giddens, Stuart Hall e Zygmunt Bauman (2001; 2004; 2005; 2008; 2011). Contudo, adotamos a perspectiva proposta por Bauman em seus estudos sobre a era líquido-moderna como base fundamental para a investigação proposta neste trabalho.

Quando citamos a palavra problema, não nos referimos, tão-somente, ao problema que nos propomos discutir, mas também ao caráter problemático da identidade, reconhecida como o assunto do momento devido a sua inegável importância (BAUMAN, 2011). Assim, as (des)conexões com a realidade fazem parte do percurso identitário de qualquer indivíduo, bem como de qualquer personagem.

Para Bauman (2005), existem dois tipos gerais de identidade: o primeiro, de nossa própria escolha; o segundo, inflado e imposto pelas pessoas ao nosso redor. Bauman ainda ressalta a importância de dar mais ênfase ao primeiro em relação ao segundo, pois naquele existe a liberdade de escolha, mesmo no mundo líquido; já no segundo, a chance de acontecer conflito e desentendimento é maior, pois não foi algo escolhido, o que pode causar um sentimento eterno de pendência com o que já foi acordado por terceiros. Em outras palavras, o indivíduo líquido-moderno não aceita, ou não deveria aceitar, uma identidade imposta por outros, pois sempre cairá na negociação entre o que realmente se quer e o que o outro impõe.

Como complemento, Bauman (2005) explica que até mesmo com uma identidade imposta existe a possibilidade de sentir-se em casa, em qualquer lugar, isto é, participar do processo de negociação de uma identidade construída por si, mas alterada pelos indivíduos que compõem sua rede de conexões. No entanto, exige um preço a ser pago, que é “a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN,

2005, p. 20). Por isso a importância da escolha e da não aceitação de uma identidade imposta.

A mudança de uma identidade pode partir de uma iniciativa privada, mais pessoal, mas sempre é partícipe do processo de ruptura, cancelamento ou diálogo com algumas obrigações. Nem sempre os que estão do lado prejudicado serão consultados, muito menos têm a oportunidade de utilizar qualquer liberdade de escolha. Hoje, existe uma necessidade de planejar a construção e a reconstrução de uma identidade. Não importa mais como as identidades são concebidas em seu exterior, mas sim como elas são percebidas em seu interior e, conseqüentemente, como são vividas (BAUMAN, 2001).

Assim como o romance, representado por um labirinto de imagens e formas, o mundo líquido está repartido em pedaços. A fragmentação, nesse sentido, torna-se uma característica comum ao indivíduo da pós-modernidade, pois as experiências individuais, que modelam nossa personalidade e identidade, são “fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18-19). Quando uma identidade é fragmentada, significa que as características que sustentavam a personalidade do indivíduo não são mais suficientes sozinhas. É necessário assumir uma nova postura, que pode ser semelhante ou completamente diferente da anterior.

A maioria das pessoas reconhece que os aspectos externos, como a aparência, podem ser reconfigurados de forma bastante acessível ou pelo menos têm conhecimento de tal possibilidade. Bauman (2005) salienta que conseguir os meios necessários para mudar de identidade não é uma tarefa impossível, mas ainda depende do tipo de identidade e do que será necessário para “transformá-lo imediatamente no personagem que você quer ser, quer ser visto sendo e quer ser reconhecido como tal” (BAUMAN, 2005, p. 91). Assim, se o sujeito líquido-moderno não possui suporte para conseguir a parafernália almejada do momento, esse tipo de mudança identitária não será possível.

Entre encaixes e desencaixes, as identidades no mundo líquido são (re)configuradas ciclicamente. Da mesma forma que as relações são frágeis e líquidas, as identidades seguem o mesmo padrão, não conseguem solidificação porque não é essa a postura esperada no mundo líquido-moderno. Com perspectivas em diversas áreas do conhecimento, os estudos ligados à identidade têm crescido abundantemente ao redor do mundo. Bauman (2008) atenta para o fato de a identidade ter atraído, mais do que qualquer outro aspecto ligado à contemporaneidade, a atenção de filósofos, sociólogos e psicólogos. Dessa forma, os estudos da identidade têm ganhado cada vez mais autonomia e, como resultado, outros temas da contemporaneidade são desmascarados e reativados a partir de seu crescimento.

As identidades de Anita: escritora, personagem, filha, mãe ou a mulher de um homem?

Cordilheira foi publicado em 2008, pela Companhia das Letras, como o primeiro volume da coleção *Amores expressos*, em que autores brasileiros escrevem histórias de amor ambientadas em diversas cidades ao redor do mundo. Recebeu o Prêmio Machado de Assis de Romance e o terceiro lugar na categoria romance do Prêmio Jabuti, da Fundação Biblioteca Nacional, além de uma edição em Portugal. Com pouco mais de dez anos de lançamento, marcou a carreira de Daniel Galera como seu primeiro romance protagonizado inteiramente por uma figura feminina e o terceiro de cinco narrativas longas.

Anita van der Goltz Vianna, protagonista e narradora, é uma escritora brasileira que desacredita em sua curta carreira como romancista. Mesmo assim, aceita o convite de uma editora argentina para a publicação da edição traduzida de seu livro em Buenos Aires, onde decide ficar por algumas semanas. Antes de sua viagem, uma série de acontecimentos dramáticos e pré-anunciados, como a própria protagonista nos diz, transformam sua viagem em um roteiro de fuga em busca do que a personagem mais almeja: ser mãe. Seu percurso é modificado ao encontrar José Holden, um fã esquisito e seu grupo de amigos escritores que vivem suas próprias ficções.

É importante salientar que a perspectiva adotada neste trabalho tem como foco o lado social do romance e da personagem, isto é, abordagens voltadas à estrutura são deixadas de lado e dão protagonismo para as especificidades da narrativa que modelam as identidades da personagem. Sendo assim, aspectos relacionados à estrutura do romance ou à classificação da personagem não serão abordados.

Mesmo assim, a personagem permanece como uma representação do elo entre o mundo ficcional e o real, pois é quem vive o enredo, as ideias e os conflitos de um romance, além de ser o elemento que valida qualquer narrativa de ficção. É nítido que o mundo ficcional possui semelhanças com o mundo real. Consequentemente, a leitura de qualquer romance depende diretamente da aceitação da personagem aos olhos do leitor (CANDIDO, 2005). O ponto de identificação entre o leitor e o romance acontece graças à personagem.

Além das contribuições da Teoria da Literatura, a era líquido-moderna de Zygmunt Bauman foi adotada como importante aporte teórico social e filosófico para esta análise. Nessa visão, o sujeito se configura como um ser cada vez mais apartado do mundo, voltado à sua individualidade e solidão. Como discutido anteriormente, no mundo líquido nada foi feito para durar. Com as identidades não seria diferente.

São Paulo

A jornada de Anita tem início ainda no Brasil, em São Paulo. *Como água*, prólogo do romance, apresenta, em terceira pessoa, um pouco da relação com seu pai. Com apenas três páginas, a cena mostra, especificamente, momentos antes do pai da personagem sair para uma partida de pôquer em uma sexta-feira à noite. O mundo líquido é primeiramente reconhecido no romance ao apresentar ao leitor uma nova configuração de família. A personagem foi criada com a ausência da figura materna, “amando-a por dois” (GALERA, 2008, p. 10), seu pai penteava seus longos cabelos negros, como água, em referência ao título do prólogo, enquanto admirava a beleza e a inteligência da filha já adulta.

De certa forma, a reconfiguração da família acontece por meio da figura paterna que cria um filho sem a figura materna; ao contrário do que acontece em tempos modernos. Embora não tenha sido citado que seu pai tenha namorado alguém por um longo período, sabe-se que se cercou de mulheres para compreender melhor os ritos da puberdade para auxiliar na criação de Anita. Aos 23 anos, a filha parecia ter tudo para dar certo. Jornalista recém-formada e focada na escrita de um livro que prendeu todas as suas atenções.

As lembranças mostradas pelo narrador revelam algumas características identitárias de Anita já na fase adulta: “uma mulher culta e bonita, porém um pouco introspectiva demais” (GALERA, 2008, p. 9), além de ressaltar seu lado sociável e coletivo. A escritora é apresentada genuinamente como a filha de um homem que a criou sozinho e reflete se já não é hora da filha seguir um novo caminho. Essa é a única cena do romance em que reverbera sua identidade de filha, já que no terceiro capítulo é revelado que seu pai morreu em uma noite de sexta-feira após uma partida de pôquer com os amigos. Devido aos detalhes narrados pela protagonista no capítulo em questão, inferimos que o prólogo também marca seus últimos momentos com a filha antes de perder o controle do carro, bêbado, e sofrer um acidente.

Anita se questiona como fazer para vestir a identidade de escritora novamente. Seu plano, basicamente, é utilizar o tempo de voo para “reativar temporariamente em mim a condição de escritora, algo que já tinha decidido que não era” (GALERA, 2008, p. 16). A mudança ou retomada de uma identidade, para Bauman (2005), parte de um desejo ambíguo de segurança. Significa dizer que a personagem não se sente mais segura como escritora e, agora que precisa retomar tal condição, é necessário reativar temporariamente a máscara que trará segurança e conforto em meio ao desconhecido que assombra.

Passados dois anos da morte do pai, Anita desacredita em sua carreira como romancista. Após conquistar dois prêmios literários importantes, a personagem compara a rejeição de seu livro às mães que rejeitam filhos. Para a personagem de Daniel Galera, “a literatura era passado e, num mundo em que mães rejeitam filhos, eu não conseguia parar um instante sequer de pensar em ter um” (GALERA, 2008, p. 16). Assim, a protagonista pode ser reconhecida como um retrato do indivíduo líquido-moderno que, após conquistar algo importante, não sente mais prazer em tal conquista, sendo necessário assumir novos objetivos e, conseqüentemente, novas identidades (BAUMAN, 2001). Com a literatura como passado, seu desejo agora é ter um filho.

Se o gênero romance, para Melo (2010), nasce a partir dos questionamentos do homem acerca de si, do mundo e da arte, *Cordilheira* consegue conectar a visão de mundo de Daniel Galera em choque com as visões de mundo de suas personagens. O jogo dialógico de vozes, somado à narrativa, consegue questionar a realidade em busca de respostas. As relações entre ficção e realidade também ganham destaque por meio da reinvenção de sua narrativa, que se distancia de qualquer outro romance publicado por Galera.

Ao resplandecer múltiplos temas através da voz de Anita, compreendemos também que o romance Daniel Galera funciona bem como uma nova proposta de narrativa, ao considerar seus romances anteriores, para além da escolha de uma figura feminina. Ainda se destacam: os aspectos voltados a escolha estrutural, como o prólogo e a parte final (que não são narrados por Anita), os traços narrativos de ambientação de acordo com o local (como São Paulo e Buenos Aires), a apresentação diversificada das personagens e o jogo entre as relações da protagonista que vão e vêm como em um pêndulo.

Para Bauman (2005), o sujeito líquido-moderno sempre está em embate com a identidade almejada e as identidades que lhe são atribuídas por terceiros. Com Anita não é diferente. Outros personagens lhe atribuem identidades que não servem mais. A escritora herda culturalmente desejos da tradição que entram em conflito com o pensamento contemporâneo de ser mãe.

Quando a personagem revela seu novo objeto de desejo (um filho) para o seu, até então, namorado e para as amigas, todos ao redor buscam mostrar para a personagem que essa não é a identidade que deva ser assumida agora:

— Com vinte e sete anos e fica aí jogada pela casa, toda esculhambada, passando o tempo com bobagem. Sei lá. Escreve, baby. Você é uma *escritora*. Isso é maravilhoso. Se você deixar o momento certo passar, quando for mais velha vai se arrepender de não ter aproveitado. Vai pensar, eu fiquei pensando em ter um filho quando era nova, muxoxando pelos cantos, enquanto podia ter feito isso e aquilo e escrito outros livros e ganhado muito dinheiro com minhas ideias. Podia ter escrito roteiros. Não ia escrever um roteiro pro Marcão? Falei com ele esses dias. Ele tinha adorado seu argumento pro longa. *Adorado*. Tá me ouvindo? (GALERA, 2008, p. 17-18, grifos do autor).

Julie, Amanda e Alexandra são as melhores amigas de Anita. E, ao lado de Danilo, formam a rede de conexões da personagem, isto é, as pessoas que vivenciam e são capazes de influenciar na construção ou na rejeição de uma identidade (BAUMAN, 2005), além de também não acreditarem que Anita deva ser mãe agora.

Dois meses antes de sua viagem para Buenos Aires, Anita se dá conta de que algo está errado. A personagem reconhece que o que as pessoas ao seu redor queriam que ela fizesse não tinha a ver com o que ela realmente queria. Enquanto almejava ter um filho, ser mãe, seus amigos esperavam que ela construísse uma carreira de sucesso. Anita até cogita a possibilidade de aceitar o que seu namorado queria (não ter um filho) e o que suas amigas esperavam (escrever), mas escolhe “abraçar esse desejo visceral [ser mãe] com todas as [...] energias” (GALERA, 2008, p. 23).

Com a frustração gerada por meio da falta de apoio das amigas e do namorado e a tentativa de suicídio de Julie, Anita sente um desejo de fuga. Bauman (2001) explica que antigamente existiam técnicas de poder bem construídas, isto é, maneiras de fazer com que os indivíduos se sentissem no poder de suas vidas. Guerras e violência deram lugar a técnicas contemporâneas, como a astúcia, a evitação e a fuga. Ao admitir que sente um desejo de fuga, Anita busca utilizar uma técnica de poder que a fará se sentir no controle de sua vida:

Voltei para casa demolida e me grudei no Danilo, que fez de tudo para que eu me sentisse melhor, mas minha percepção da vida e de todas as pessoas que faziam parte dela estava danificada e um desejo generalizado de fuga me apertou o peito numa noite agitada (GALERA, 2008, p. 25-26).

No mesmo dia, Anita caminha pelo apartamento de Danilo e enxerga na estante seu próprio livro e destaca que o volume está entre livros maiores, de capa dura e importados. A escritora questiona o porquê de o livro ter feito tanto sucesso e por ter sido a coisa mais importante por três anos de sua identidade como Anita van der Goltz Vianna, a revelação da literatura brasileira contemporânea. Nesse momento, Anita admite que aquela identidade não lhe serve mais e que uma nova identidade precisa ser construída: “eu tinha um novo objetivo na vida: ser apenas a mulher de um homem” (GALERA, 2008, p. 27).

Dez dias após a noite de sexo de Anita e Danilo, Alexandra pula da sacada de seu apartamento no nono andar. Com a morte da amiga em detrimento da tentativa de suicídio

de Julie, o relacionamento frágil com o namorado e o lançamento do livro na Argentina, Anita tem seu desejo de fuga fortalecido. Assim, Anita toma algumas decisões. A primeira: parar de tomar sertralina, um medicamento para combater o transtorno de pânico e a ansiedade. Anita queria deixar de lado qualquer filtro que a impedisse de ser ela mesma. Aqui, a dependência do sujeito líquido-moderno é retomada somada à evitação. Anita não queria sentir a dor de ter perdido seu pai, então começou a tomar tal medicamento como suporte. Tomar a decisão de parar com o medicamento também foi uma medida para reconhecer suas dores internas antes de confrontá-las novamente.

A segunda decisão de Anita, estender seu prazo de cinco dias para uma pequena temporada em Buenos Aires, também está ligada ao desejo de fuga e evitação, duas técnicas de poder descritas por Bauman (2001). Anita decide não contar sua decisão para Danilo até uma semana antes de viajar, o que resulta em uma discussão e no que parece ser o fim do relacionamento.

Mesmo antes de viajar, Anita reconhece o poder da fuga e da evitação:

Nos poucos dias em que antecederam a viagem, mesmo com as discussões, com as lágrimas, com a poeira de tragédias recentes ainda prejudicando a visibilidade em meio aos escombros, eu me pegava sorrindo por dentro nos momentos mais inesperados. Como eu podia ter me privado por tanto tempo do sabor das decisões drásticas, do prazer de derrubar uma pecinha de dominó e mudar tudo de forma irreversível? (GALERA, 2008, p. 30).

As peças do mosaico que compõem as identidades de Anita começam a tomar forma. A personagem admite, mais uma vez, que a fuga também trouxe um sentimento “que as pessoas costumam descrever como ‘sentir-se viva’” (GALERA, 2008, p. 31, aspas do autor). Em São Paulo, discutimos que a personagem não reconhece mais sua carreira como escritora e nega que essa seja sua identidade. Mesmo assim, deverá assumi-la por um período em Buenos Aires para falar de seu romance. Ser mãe e a mulher de um homem passa a ser sua identidade almejada e que deverá entrar em construção. Bauman (2005) ressalta que uma identidade própria não é recebida, mas construída. Anita deverá buscar meios para construir sua nova identidade a partir de um novo ambiente e de uma nova rede de conexões.

Buenos Aires

Ao chegar a Buenos Aires, já no hotel, Anita acompanha Martín, funcionário da editora de seu livro na cidade, para um coquetel na embaixada brasileira. A protagonista reflete sobre o homem que está à sua frente e imagina como seria se o convidasse para subir ao quarto com ela. Aqui, o amor líquido ganha destaque: relações sempre pautadas em algum tipo de interesse. Nesse caso, Anita não queria apenas companhia para sexo, mas também para cumprir o papel dos medicamentos que a personagem já não estava tomando: evitar a solidão acentuada em uma “noite sem calor nem toque, sentindo uma pilha de tijolos sobre o peito e aguardando para qualquer momento um ataque de pânico” (GALERA, 2008, p. 37-38).

Com a máscara da escritora que não desejava mais ser, Anita observa a reação do público à leitura do excerto de seu livro enquanto mal consegue respirar. A escritora reconhece, então, que havia algo sendo dito em seu romance. Os espaços entre a metaficção se entrelaçam para montar um jogo perigoso entre realidade da ficção e realidade da metaficção. Magnólia, sua personagem, tem mãe, mas não tem pai, ao contrário do que Anita viveu. A evitação, reconhecida pela personagem como uma forma de superar o passado, ganha destaque mais uma vez como técnica de poder ao utilizar seu romance como escape da realidade para a ficção. Esse era o significado particular do romance para Anita.

A completude amorosa buscada por Magnólia gira em torno da realização pessoal e da reafirmação de uma identidade, com foco na fuga e no isolamento. Ironicamente, tais características refletem diretamente os traços identitários da personagem de *Cordilheira* e as técnicas de poder de Bauman (2001). Anita, enquanto fruto da visão de mundo de Daniel Galera e partícipe do jogo da metaficção entre os romances, fala de si em *Descrições da chuva* como válvula de escape do mundo real.

Bauman (2001) metaforiza a identidade como uma obra de arte que sempre é buscada, mas nunca encontrada. Ao compor um romance em que alguns de seus desejos são atendidos, Anita construiu não só um romance, mas também uma identidade ficcional capaz de suprir o que o mundo real não é mais capaz de lhe oferecer. Nesse sentido, além da identidade de escritora, Anita também apresenta forte similaridade com a identidade de Magnólia. Duas personagens tão parecidas e fruto do mesmo processo criativo. Quer dizer, se imaginarmos apenas Daniel Galera como autor do romance. Anita ganha vida própria ao escrever seu romance e ao criar uma personagem à sua imagem como ponto de fuga, já que a identidade também é partícipe de processos de ruptura e/ou cancelamento.

Ao final do romance de Anita, Magnólia empurra seu amado de um penhasco. E o porquê é exatamente o que José Holden, presente na plateia, pergunta para a personagem. Em choque, Anita reflete se foi realmente isso o que aconteceu, pois poderia facilmente ser um delírio de sua personagem. Admitindo que escreveu dessa forma apenas para chocar os leitores, Anita resolve responder qualquer coisa para o admirador de sua obra com o objetivo de acabar com aquela noite o mais rápido possível.

Por meio da narrativa, a identidade de Anita enquanto filha é retomada ao falar dos domingos como a medida do afeto entre pai e filha. Ao mesmo tempo, Anita admite que sua mãe foi sua primeira personagem. A voz de Anita, enquanto órfã, reverbera através das páginas ao falar sobre a morte da mãe durante o parto e do pai após a partida de pôquer. A ausência da família de Anita reconfigura as noções de família apresentadas no prólogo. Agora Anita está sozinha no mundo, mesmo com tantas pessoas ao seu redor.

Bauman (2005) também fala das identidades exteriores. Anita utiliza de tal artifício por meio do consumo, ao fazer compras em Buenos Aires e por meio da mudança de cabelo. Interessante notar que as atitudes de Anita casam perfeitamente com o retrato do sujeito líquido-moderno que tem poder suficiente para comprar apetrechos ou mudar uma aparência que possa lhe transformar exatamente na personagem que deseja ser, ou seja, na identidade almejada.

O relacionamento de Danilo e Anita é reconhecido no mundo líquido como um amor confluyente, isto é, um relacionamento que dura até o momento em que existe interesse e retorno de ambas as partes. Para Bauman (2004), o amor confluyente se tornou

comum no mundo líquido devido à ausência de solidez nos relacionamentos. Se não há mais retorno, vantagens ou objetivos em comum, os amantes devem seguir caminhos divergentes até encontrar outras pessoas com objetivos semelhantes. Ainda com a identidade de escritora, Anita admite que dar sentido ao mundo é o que todos buscam ao longo de uma vida. Nesse ponto da narrativa, é possível notar o que Bauman (2001) chama de adesivo da fantasia, ou seja, o elo que une uma identidade experimentada ao indivíduo líquido-moderno.

Sendo assim, Anita participa de um jogo entre identidades que interpretam mundos e constroem narrativas:

Nascemos com um prazo limitado para interpretar o mundo. Fazemos o que podemos. O legado de todos que nos precederam nesse esforço pode ajudar ou confundir, e em última instância ninguém nunca prova nada. Atribuir um propósito superior a um lance qualquer da vida é construir uma ficção muito pessoal. Dar sentido ao mundo é um ato criativo. Uma visão de mundo é uma narrativa (GALERA, 2008, p. 74).

Mesmo descrente de que seu romance possui ligação com a identidade almejada, Anita tem plena convicção de que conhecer José Holden não foi uma mera coincidência. Como crente de que é dona de seu próprio destino, Anita acredita que tudo está sob controle e que sua nova identidade foi uma escolha feita a partir das identidades deixadas de lado anteriormente. Então, a personagem se questiona até que ponto poderá envolver seu novo *affair* em sua narrativa: “não havia nenhuma espécie de indício, mas eu estava no controle e poderia lhe atribuir a função que bem entendesse” (GALERA, 2008, p. 75).

Após uma noite intensa de sexo, Anita descobre que Holden possui uma espécie de clube de leitura aos domingos. Seus amigos lhe são apresentados e, para a surpresa da protagonista, todos já leram seu romance. E todos são escritores. Pouco a pouco, a misteriosa teia de relações entre o estranho fã e seus amigos começa a ser compreendida por Anita. Parsival, Pepino, Silvia, Vigo e Juanjo são os amigos de seu *affair* e integrantes do que parece mesmo ser um clube. Todos conhecem a fundo a personagem de Anita, Magnólia, e possuem certa fixação pela brasileira.

O dinheiro acaba e Anita resolve morar com Holden, quando admite que sua identidade de dona de casa, como a própria personagem diz, precisa ser utilizada. Essa mudança de identidade é uma reativação de quem Anita já foi quando seu pai ainda era vivo. Bauman (2001) destaca que tal mudança ocorre de acordo com o ambiente: Anita está disposta a fazer o que for necessário para vestir a roupa da personagem mais adequada para o momento. E, em uma casa que não é sua, ser uma dona de casa é a melhor opção.

Anita também descobre que uma das obsessões de Holden são rituais, religiões e seitas secretas. E imagina que essa possa ser a origem do grupo de leitura formado por ele e seus amigos. Isso se torna evidente por meio da fixação do personagem por um escritor chamado Jupiter Irrisari. Para o autor, não existiam mais limites entre realidade e ficção e, em um determinado momento de sua vida, deixou de escrevê-las e passou a vivê-las. Os traços metaficcionalis e identitários ganham destaque ao relacionar as identidades das personagens com tal abordagem. Se o grupo de escritores deixou de escrever histórias e passou a vivê-las, é nítido que tais narrativas são retratos de identidades almejadas (BAUMAN, 2005).

Também é revelado que o misterioso escritor Irrisari se tornou perigoso quando rompeu a linha tênue entre realidade e ficção. As pessoas ao seu redor não conseguiam mais reconhecê-lo, pois a cada esquina parecia vestir uma nova máscara identitária. O conceito de identidade de subclasse, isto é, a ausência de uma identidade, conceituado com o suporte de Bauman (2005), é afirmado pelo personagem Parsival: “Há um texto em que ele argumenta que qualquer personagem é uma ficção [...]. Ele acabou destruindo a própria identidade” (GALERA, 2008, p. 96). Nesse sentido, a anulação de uma identidade retorna ao romance por meio do reconhecimento de que os amigos de Holden possuem múltiplas identidades e conseguem transitar entre tais máscaras de acordo com o objeto de desejo almejado.

Interessante citar que Anita discorda de Irrisari e afirma que é possível escrever sobre outras vivências, bem como viver uma vida diferente de sua personagem, nitidamente cansada de ser julgada pelo grupo de escritores como um retrato fiel de Magnólia, sua criação.

“— Ele está brincando de agir como o personagem dele, não está?” (GALERA, 2008, p. 104), Anita questiona a Silvia, que admite que todo o grupo pratica tal ação. Anita descobre, então, que Holden e todos os seus amigos vivem suas próprias ficções como atores que seguem o roteiro de um filme.

Retomamos aqui a tese de que identidade também é o nome dado à fuga da ausência de pertencimento (BAUMAN, 2011). Anita não consegue mais se reconhecer com a rede de conexões que ficou em São Paulo. Tampouco com a rede de conexões formada por Holden e seus amigos. Mesmo assim, a personagem pede para que sua amiga Julie a visite em Buenos Aires. Anita precisa reativar a máscara da irmã que era para a amiga e sentir o conforto e a segurança que só é possível por meio de uma família.

La conjuración sagrada, de Diego Parisi, nome verdadeiro de Holden, é entregue nas mãos de Anita. Assim que a escritora recebe o tão desejado livro, perde o interesse por qualquer narrativa escrita por seus amigos. O volume de quinhentas e dezoito páginas trazia um retrato fiel de seu autor condizente com a vida e as atitudes de Holden. A obsessão de seu personagem é se oferecer como sacrifício em um ritual no meio de um bosque na Patagônia. Todavia, seus amigos desistem de ajudá-lo e o seu plano falha. É o momento em que Anita liga os pontos e entende o porquê da fixação do grupo por sua personagem:

Bastaram alguns instantes de reflexão sobre o final do livro, sobre a adoração que Holden tinha pela minha personagem, pelo capítulo final, pelas ‘coisas que ela faria por amor’, para que as peças se encaixassem na minha cabeça. Pensei na vida que Holden levava e na ingenuidade quase irreal do que ele pretendia e tive pena de sua existência de ficção (GALERA, 2008, p. 119, grifos do autor).

A protagonista finalmente compreende que Holden, como reflexo da identidade de Diego Parisi, acredita que Magnólia é o reflexo da identidade de Anita. Logo, Anita, vestida com a identidade de Magnólia, seria a única capaz de ajudá-lo a finalizar seu romance: por meio de um ritual em um bosque na Patagônia. Em *Descrições da chuva*, Magnólia empurra seu amado de um penhasco. E é justamente o que Diego quer que Anita faça, finalize sua narrativa e, conseqüentemente, sua vida.

O que as personagens ao redor esperam de Anita torna-se um dos pontos fortes do romance. Ser mãe é a identidade almejada e principal da personagem, mas seus amigos esperam que ela seja uma escritora de sucesso, no Brasil; e a personagem de seu romance, em Buenos Aires. Esse processo é retomado por Bauman (2005) ao afirmar que o embate entre a identidade que as pessoas esperam e a identidade almejada representa a ambivalência comum do sujeito líquido-moderno.

Anita aceita participar do ritual de sacrifício de Holden somente porque receberá algo em troca, seu filho. Para a personagem, a vida que está concebendo é uma troca justa. Anita decide, então, assumir a identidade de Magnólia durante o ritual. Afinal, quem empurra seu amado de um penhasco não é Anita, mas sim sua personagem. A nova identidade assumida aqui não é a filha, a escritora ou a jornalista, mas sim a projeção de quem Anita desejava ser.

No caminho para o ritual, Anita enxerga da janela do avião uma cordilheira, que pode ser associada às identidades fragmentadas da personagem durante a narrativa. Anita também admite que outra identidade poderia ser cogitada. Duisa, personagem apresentada no começo do romance, isolada do mundo e observada silenciosamente pelo marido: “o tipo de amor que eu esperava era uma possibilidade aleatória e improvável demais” (GALERA, 2008, p. 145). Com mais uma identidade almejada e não construída, Anita reconhece a mobilidade das identidades em eterno movimento entre desejos novos e antigos (BAUMAN, 2008).

A fragmentação identitária de Anita chega ao ápice no momento em que a personagem não reconhece a própria identidade. Esse caso é diferente da identidade de subclasse, que diz respeito à ausência de uma identidade. Mas sim como o resultado de um processo de fragmentação: em meio às opções identitárias, Anita não sabe se está atuando como Anita van der Goltz Vianna, a escritora; ou como Magnólia, sua personagem. Holden, ao mesmo tempo, não sabe se está atuando como seu personagem, como Diego, o autor, ou como o amado de Magnólia, (aparentemente) empurrado do penhasco em *Descrições da chuva*.

A identidade de mãe da personagem retorna em seguida, por meio de uma conversa com Holden em que Anita se questiona se o personagem desistiria do sacrifício e do ritual se soubesse que seria pai. Na cena, é revelado que o personagem teve uma relação ruim com seus pais e que o assunto ainda reverbera em sua vida. Anita quase esquece que seu *affair*, conforme Bauman (2004), nada mais é do que um amor confluyente, ou seja, após os desejos de Holden (morrer) e de Anita (ser mãe) serem atendidos, a relação chegará ao fim. Prevendo o fim da narrativa do escritor e, conseqüentemente, de sua vida, Anita prefere fugir para a ficção: “os personagens precisavam voltar” (GALERA, 2008, p. 153).

“— Magnólia!” (GALERA, 2008, p. 165) é chamada pelos amigos de Holden, já atuando como se quem estivesse ali não fosse Anita, mas sua personagem. A protagonista consegue deixar a identidade de Magnólia a tempo de assumir sua identidade de filha, momento em que a culpa de criar seu filho sozinha, da mesma forma que seu pai a criou, a tortura ao ponto de tentar desistir do ritual.

Anita olha nos olhos de Holden, mas não consegue impedi-lo de realizar seu maior desejo, morrer. O personagem pula e o ritual finaliza, embora sem a participação direta de Magnólia. Diego Parisi finaliza sua narrativa com o fim de seu personagem na ficção e no mundo real.

De volta a São Paulo

Com o fim da narrativa de Anita, os últimos momentos da personagem são narrados em terceira pessoa. *Fique para sempre* apresenta seu retorno a São Paulo e as consequências dos acontecimentos de sua viagem para a Argentina. O epílogo mostra basicamente o desfecho do relacionamento entre a protagonista e Danilo. Interessante notar que Anita foi deixada de lado para dar voz a Danilo, mesmo que toda a cena gire em torno da escritora, os sentimentos de seu ex-namorado são o foco da parte final do romance.

Danilo espera que Anita retorne não apenas como sua ex-namorada, mas como a mulher que poderá ficar em sua casa. O desejo de Danilo é que Anita fique e forme uma família. *Fique para sempre* representa bem o desejo do personagem, que espera de Anita uma identidade que ela ainda não escolheu naquele momento. Anita retoma a palavra *Mamihlapinatapai*, apresentada antes de sua narrativa como uma maneira de dizer a Danilo que não quer mais ficar com ele.

O amor confluyente é reforçado à medida que Anita volta para a casa de Danilo e apenas fica o suficiente para dizer que não continuará com ele. A falta de conexão revelada por Anita nos remete ao indivíduo líquido-moderno que não sente mais ligação com o mundo ao seu redor. Anita é agora o retrato do típico indivíduo solitário na multidão.

Acreditamos que nesse ponto da narrativa Anita perdeu sua identidade. Nem escritora, nem personagem, nem filha, nem mãe, nem a mulher de um homem. A partir de agora, Anita compartilha da identidade de subclasse, isto é, a ausência de uma identidade. Diferentemente da fragmentação ocorrida ao longo de sua viagem, ao final do romance, Anita não tem mais a oportunidade de confirmar ou recusar sua identidade, pois não possui mais características que dialoguem com quem Anita era antes de Buenos Aires. A nova identidade de Anita, baseada na ausência de seu lugar de pertencimento, poderá ser construída a partir de novas experiências e uma nova rede de conexões, algo que nunca saberemos.

Considerações finais

A fragmentação identitária de Anita ao longo do romance resultou em um processo de anulação de sua própria identidade. Ao acompanhar o percurso da personagem, também notamos que suas identidades não foram construídas forçadamente, mas a partir de objetos de desejo justificáveis à medida que o mundo líquido permite tais mudanças. Como escritora, Anita participou de um jogo entre o conhecimento e o reconhecimento de si mesma dentro do romance que escreveu e fez parte, durante aquele período, de um processo de legitimação de identidades (DALCASTAGNÉ, 2005).

As novas técnicas de poder mostradas por Bauman (2001) aparecem em meio à sua jornada. A fuga, sentida pela personagem antes de sua viagem à Buenos Aires; a evitação, mostrada por meio da ausência da figura paterna de seu romance *Descrições da chuva*; a forte resistência/evitação a sentimentos; e a ocultação de sua identidade almejada (ser mãe) aos colegas argentinos. A fuga e a evitação substituem as guerras e a violência como técnicas de poder no mundo líquido.

Em virtude de as identidades serem ambivalentes, também acreditamos que os desejos da personagem representam bem o sujeito líquido-moderno em sua essência. Ao conquistar uma carreira de sucesso, Anita perdeu o gosto pela escrita. Bauman (2001) ressalta que tal característica é comum no mundo líquido e que pode ser representada pelo ditado da grama do vizinho que é sempre mais verde.

Para Anita, a identidade de escritora não lhe era mais conveniente porque não se identificava mais com a personagem que criou e admite que Magnólia representava quem sua autora era no passado. No mundo líquido, uma mudança identitária só é possível se o sujeito líquido-moderno tiver poder suficiente para transformá-lo na personagem que deseja ser. Anita tinha o poder de criar novos mundos através da ficção, mas, como a máscara de escritora não servia mais, buscou outros objetos de desejo.

Ser mãe, para a protagonista, passou a ser uma obsessão. Acreditamos que a escolha da nova identidade almejada se justifica por sua formação familiar. Órfã de mãe e de pai, a personagem ocultou a imagem paterna de seu romance e reforça ao longo de toda a narrativa o impacto da ausência do pai e a culpa pela morte da mãe. Sua identidade de filha também se enlaça ao longo da narrativa, não só nos momentos narrados com o pai, mas também ao admitir que Danilo cumpria, de certa forma, o papel do pai que perdeu.

A identidade de mulher de um homem aparece no período em que viveu em Buenos Aires. Viver com Holden modelou sua identidade novamente e a própria personagem admite tal mudança. Nessa fragmentação, Anita retorna à identidade da mulher que também cuidava de seu pai enquanto ele estava vivo e admite que seu objeto de desejo do momento, além de ser mãe, também é fortalecido.

No que diz respeito às relações entre literatura e identidade, destacamos o caráter identitário do romance contemporâneo. *Cordilheira* rompe com a tradição por meio de uma narrativa diversificada em que Anita é a responsável por contar sua própria história, além de um narrador misterioso no prólogo e no epílogo.

A mola propulsora do romance, o jogo entre realidade e ficção, se une a temas tipicamente contemporâneos retratados no romance, como ansiedade, depressão e suicídio; e aspectos ligados ao sujeito líquido-moderno, como as relações superficiais, a metaficção e a reconfiguração da família.

Acreditamos, dessa forma, que ao investigar a literatura contemporânea, investigamos não só romances, personagens e percursos identitários, mas reflexos da sociedade em que vivemos e todos os seus problemas, singularidades e formas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecci. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada:** vidas contadas e histórias vividas. Tradução: José Maurício Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida em fragmentos:** sobre a ética pós-moderna. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. (org.). **A personagem de ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, 2005.

GALERA, Daniel. **Cordilheira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MELO, Cimara Valim de. **O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea**. 278 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. 2. ed. Tradução: Angela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 2004.